

SOCIOLOGIA:

Das Ausências às Emergências

Alexsandro Teixeira Ribeiro
(Organizador)



Atena
Editora

Ano 2021

SOCIOLOGIA:

Das Ausências às Emergências

Alexsandro Teixeira Ribeiro
(Organizador)



Atena
Editora

Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa

Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalo de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

- Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

- Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia

Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliã Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Sociologia: das ausências às emergências

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Vanessa Mottin de Oliveira Batista
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Alessandro Teixeira Ribeiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S678 Sociologia: das ausências às emergências / Organizador Alessandro Teixeira Ribeiro. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-970-7

DOI 10.22533/at.ed.707211504

1. Sociologia. I. Ribeiro, Alessandro Teixeira (Organizador). II. Título.

CDD 301

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Combater a ausência a partir da emergência. Boaventura de Sousa Santos, um dos principais sociólogos da atualidade, aborda em seu pensamento a necessária quebra da colonização e da razão indolente, para o estabelecimento de um paradigma norteado pela multiplicidade de identidades e pela atuação contra-hegemônica a partir da abordagem do cosmopolitismo.

Esta perspectiva sociológica é o que norteia a edição da presente obra intitulada “Sociologia: Das Ausências às Emergências”, livro que reúne diversas contribuições para o debate de temas relativos ao cenário de diversidade e de pesquisas e abordagens teóricas descolonizadoras. Os capítulos da obra são resultantes de artigos e divulgação de investigações ancorados no campo da Sociologia, mas que dialogam com outras áreas do saber, como história, ciência da saúde, direito, comunicação, dentre outros.

Da mesma forma que o conceito central do livro é de origem e de debate múltiplo, as pesquisas que reforçam o conceito das Ausências às Emergências também são de localidades distintas, reforçando o caráter cosmopolita da pesquisa. Assim, as contribuições da presente obra não se encerram no cenário de excelência em pesquisa nas instituições privadas e públicas do Brasil, mas ultrapassam os limites nacionais para reunir também pesquisas desenvolvidas no eixo ibérico, em especial em universidades e centros de pesquisas de Lisboa, Braga e Madrid.

O quadro final é o de um livro com múltiplos olhares científicos que aprofunda olhares sobre temas como democracia racial, a luta das Mães de Acarí por justiça, a ética do cuidado, a identidade laboral, questões ambientais, e até a necessária inclusão da Sociologia no currículo básico de ensino. A relevância dos temas, a profundidade das análises e o rigor das investigações tornam a coletânea “Sociologia: Das Ausências às Emergências” uma leitura fundamental para o debate dos assuntos invisibilizados socialmente, e para quem busca tornar presentes e reais os assuntos ausentes.

Alexsandro Teixeira Ribeiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A CRISE DA MODERNIDADE OCIDENTAL E A PÓS-MODERNIDADE NO PENSAMENTO SOCIOLÓGICO DE BOAVENTURA DE SOUSA SANTOS	
Rodrigo Davi Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.7072115041	
CAPÍTULO 2	17
A DEMOCRACIA RACIAL COMO UM PROJETO DE PLANIFICAÇÃO SOCIAL NO PENSAMENTO DE GUERREIRO RAMOS	
Nikolas Gustavo Pallisser Silva	
Alan Caldas	
DOI 10.22533/at.ed.7072115042	
CAPÍTULO 3	38
EL IMPACTO RELACIONAL DE LA POBREZA EN LA INFANCIA Y LA ADOLESCENCIA APORTES DESDE EL ANÁLISIS DEL BIENESTAR DE LA INFANCIA EN ESPAÑA 2007-2015	
Gonzalo de Castro Lamela	
Clarisa Giamello	
DOI 10.22533/at.ed.7072115043	
CAPÍTULO 4	52
O REGIME DE PODER E O CONTEXTO DA PANDEMIA DO COVID-19: UMA ANÁLISE DE MICHEL FOUCAULT À ACHILLE MBEMBE	
Diego Borges Cordeiro	
DOI 10.22533/at.ed.7072115044	
CAPÍTULO 5	67
MISSÕES DE PAZ DA ONU SOB A PERSPECTIVA DA ÉTICA DO CUIDADO	
Claudia Santos	
Marlene Tamanini	
DOI 10.22533/at.ed.7072115045	
CAPÍTULO 6	83
DA EMERGÊNCIA DO PROBLEMA AMBIENTAL À EMERGÊNCIA DO AMBIENTE NA SOCIOLOGIA	
Nuno Manuel dos Santos Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.7072115046	
CAPÍTULO 7	98
DE DENTRO E DE FORA: ESTRATÉGIAS DE PERTENCIMENTO E PERMANÊNCIA EM UMA COMUNIDADE RURAL NO LITORAL NORTE DA BAHIA	
Diana Anunciação Santos	
DOI 10.22533/at.ed.7072115047	

CAPÍTULO 8	110
ENTRE PORTUGAL E ESTADOS UNIDOS: O IMPACTO DAS DESIGUALDADES EM DUAS ROTAS DO PROGRAMA CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS	
Rovênia Amorim Borges	
Renísia Cristina Garcia-Filice	
DOI 10.22533/at.ed.7072115048	
CAPÍTULO 9	125
ESPACIALIDADES DO ESPIRITUAL NA PINTURA PÓS-MODERNA: CONTRIBUTOS PARA O ESTUDO DO TRANSCENDENTAL MÍSTICO NA LINGUAGEM PICTÓRICA DA OBRA DE ARTE	
Salomé Marivoet	
DOI 10.22533/at.ed.7072115049	
CAPÍTULO 10	140
SIGILO PROFISSIONAL EM EQUIPES INTERPROFISSIONAIS: ALGUMAS REFLEXÕES	
Isabela Sarmet de Azevedo	
Bárbara Carlos Souza	
Juliana Manhães Fernandes da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.70721150410	
CAPÍTULO 11	152
FORMAÇÃO DOCENTE E MERCADO DE TRABALHO: A INSERÇÃO DOS EGRESSOS DA LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS CDSA/SUMÉ NO MERCADO DE TRABALHO NO PERÍODO DE 2013 A 2017	
Edmilson Cardoso da Silva	
Diane Ângela Cunha Custódio	
Ana Lúcia Nery Sabath	
DOI 10.22533/at.ed.70721150411	
CAPÍTULO 12	166
MOVIMENTOS SOCIAIS E CLASSES SOCIAIS NA COSTURA	
José Guirado Neto	
DOI 10.22533/at.ed.70721150412	
CAPÍTULO 13	180
O HISTÓRICO DAS LUTAS PELA INSERÇÃO DA SOCIOLOGIA NO CURRÍCULO BÁSICO DE ENSINO BRASILEIRO: REFLEXÕES ACERCA DO ENGAJAMENTO DA COMUNIDADE ACADÊMICA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS	
Suelén Alves da Silva	
Sabrina da Silva Sousa	
Marco Aurélio Neves	
DOI 10.22533/at.ed.70721150413	
CAPÍTULO 14	193
UMA TIPOLOGIA DOS ESTUDOS SOBRE O PODER LOCAL NO BRASIL: CAPITALS, ESTRUTURAS E INSTITUIÇÕES	
André Barsch Ziegmann	
DOI 10.22533/at.ed.70721150414	

CAPÍTULO 15	207
DESMISTIFICANDO UM CLAMOR SOCIAL CRIMINOSO E CRIMINALIZANTE Rafaela Lourenço da Silva Alexandra Lourenço DOI 10.22533/at.ed.70721150415	
CAPÍTULO 16	220
A LUTA DAS MÃES DE ACARI POR JUSTIÇA Dandara Vicente Soares DOI 10.22533/at.ed.70721150416	
SOBRE O ORGANIZADOR	232
ÍNDICE REMISSIVO	233

CAPÍTULO 1

A CRISE DA MODERNIDADE OCIDENTAL E A PÓS-MODERNIDADE NO PENSAMENTO SOCIOLÓGICO DE BOAVENTURA DE SOUSA SANTOS

Data de aceite: 01/04/2021

Data de submissão: 08/03/2021

Rodrigo Davi Almeida

Universidade Federal de Mato Grosso –
Departamento de História
Cuiabá/MT
<http://lattes.cnpq.br/9524251326442540>

RESUMO: O objetivo geral deste estudo é promover uma síntese dos principais conceitos sociológicos e categorias políticas utilizados por Boaventura de Sousa Santos para caracterizar a crise da modernidade ocidental e a pós-modernidade. As ideias são suprir a lacuna dos trabalhos sobre o intelectual português pouco interessados em apresentar de modo mais sistemático seu pensamento sociológico bem como auxiliar futuras investigações sobre o tema. De um lado, para Boaventura de Sousa Santos, a modernidade ocidental enfrenta uma crise civilizatória sem precedentes que pode ser identificada a partir de três núcleos: o núcleo epistemológico, isto é, as limitações do conhecimento científico ocidental; o núcleo teórico, qual seja, a insuficiência da teoria marxista da emancipação social e, por fim, o núcleo político, a saber, a crise do contrato social liberal, a emergência do fascismo social e a fragmentação política das esquerdas mundiais. De outro, a pós-modernidade traduz a factibilidade da superação da crise da modernidade ocidental, desde o Sul global, por

uma “sociologia insurgente” fundamentada, epistemologicamente, na “ecologia de saberes”, em uma “nova cultura política” da emancipação social e na “política democrática radical”.

PALAVRAS - CHAVE: Boaventura de Sousa Santos; crise da modernidade ocidental; pós-modernidade; pensamento sociológico; Sul global.

THE CRISIS OF WESTERN MODERNITY AND THE POSTMODERNITY IN THE SOCIOLOGICAL THOUGHT OF BOAVENTURA SOUSA SANTOS

ABSTRACT: The main objective of this work is to promote a synthesis of the essential sociological concepts and political categories used by Boaventura de Sousa Santos to characterize the crisis of western modernity and postmodernity. The ideas consist in filling the gaps of the works about the portuguese intellectual, which are less interested in presenting more systematically his sociological thought, as well as, to help future investigations about the theme. On the one hand to Boaventura de Sousa Santos, the western modernity faces an unprecedented civilizational crisis that can be identified from three constituent cores: the epistemological core, which means, the western scientific knowledge's issue, the theoretical core, namely the marxist theory of social emancipation, and finally, the political core, which are, the problems of liberal social contract, of social fascism and of the left's political fragmentation. On the other hand, the postmodernity translates the feasibility of overcoming the crisis of western modernity, as proposes, since the Global South, an insurgent

structured sociology, epistemologically in ecology of knowledges, in a new political theory of social emancipation and in radical political democracy.

KEYWORDS: Boaventura de Sousa Santos; crisis of western modernity; postmodernity; sociological thought; Global South.

1 | A PÓS-MODERNIDADE E A CRISE DA MODERNIDADE OCIDENTAL

O objetivo geral deste estudo¹ é promover uma síntese dos principais conceitos sociológicos e categorias políticas utilizados por Boaventura de Sousa Santos na sua compreensão e caracterização da crise da modernidade ocidental e da pós-modernidade. As ideias são suprir a lacuna dos trabalhos sobre o intelectual português pouco interessados em apresentar de modo mais sistemático seu pensamento sociológico bem como auxiliar futuras investigações sobre o tema.

Boaventura de Sousa Santos nasceu em Coimbra, em 1940. Intelectual versátil, na sua cidade natal, ocupa o cargo de professor catedrático na Faculdade de Economia mesmo tendo defendido seu doutorado em Sociologia do Direito, pela Universidade de Yale, nos Estados Unidos. Suas pesquisas e publicações contemplam um vasto campo de interesses, da Teoria Social à Educação Superior e da Sociologia Jurídica à Epistemologia. Seu engajamento político o impulsiona a participar de eventos científicos e de fóruns sociais pelo mundo todo, mas, especialmente, daqueles ocorridos no Brasil.

O sociólogo português define a pós-modernidade como uma temporalidade, isto é, uma época de transição, ou de interregno, cuja origem remonta à queda do Muro de Berlim em 1989, portanto, com o final da experiência histórica socialista. Trata-se de um momento ímpar na história do mundo ocidental, tendo em vista que a pós-modernidade traduz a factibilidade da superação da crise da modernidade ocidental, desde o Sul global, por uma “sociologia insurgente” fundamentada, epistemologicamente, na “ecologia de saberes”, em uma “nova cultura política” da emancipação social e na “política democrática radical”.

Por sua vez, a modernidade ocidental está estigmatizada por uma crise civilizatória sem precedentes que coincide, historicamente, com a imposição, desde o Norte global, da agenda neoliberal a partir dos últimos anos da década de 1980. Esta crise pode ser identificada em três níveis: no nível epistemológico, ela se refere às limitações do conhecimento científico ocidental; no nível teórico, se relaciona às insuficiências da teoria marxista da emancipação social e, por fim, no nível político, diz respeito, por um lado, aos resultados deletérios da dissolução do contrato social liberal que é responsável pela emergência do fascismo social e, por outro, pela fragmentação política das esquerdas mundiais.

¹ O trabalho em tela é um desdobramento da pesquisa intitulada Sartre e as esquerdas francesas, por mim desenvolvida junto ao Departamento de História da Universidade Federal de Mato Grosso, campus de Cuiabá.

2 | AS EPISTEMOLOGIAS DO SUL GLOBAL E A “ECOLOGIA DE SABERES”

As epistemologias do Sul global e a sua correspondente “ecologia de saberes” têm como objetivos reestabelecer a riqueza da diversidade e a complexidade da realidade do mundo (natural e humana) por meio da integração dos saberes e conhecimentos populares urbanos e camponeses, desprezados, rejeitados e invisibilizados pela epistemologia ainda predominante do Norte global.

A principal crítica do sociólogo de Coimbra feita ao conhecimento científico moderno é que se trata de um conhecimento racional indolente, metonímico e proléptico. O saber racional metonímico consiste em “tomar a parte pelo todo”, “porque tem um conceito de totalidade feito de partes homogêneas, e nada do que fica fora dessa totalidade interessa” (SOUSA SANTOS, 2007, pp. 25-26). A ideia de totalidade, chave nessa definição,

é muito reducionista porque contrai o presente ao deixar de fora muita realidade que não é considerada relevante e que se desperdiça (...) vivemos em um conhecimento preguiçoso, que é, por natureza, um conhecimento dicotômico: homem/mulher, norte/sul, cultura/natureza, branco/negro. São dicotomias que parecem simétricas, mas sabemos que escondem diferenças e hierarquias” (ibidem, p. 27).

À ideia de totalidade, sob sua ótica – estreita, limitada, reducionista e dicotômica – Boaventura Santos opõe uma outra ideia de totalidade, a que provém do conhecimento oriental, este sim “muito mais global, mais holístico” (ibidem, p. 27). O conhecimento racional proléptico consiste em “conhecer no presente a história futura. (...) já sabemos qual é o futuro: o progresso, o desenvolvimento do que temos. É mais crescimento econômico, é um tempo ideal linear que de alguma maneira permite uma coisa espantosa: o futuro é infinito” (ibidem, p. 26).

O resultado líquido desse duplo conhecimento racional indolente, metonímico e proléptico, é, no entanto, um só: um determinado “modo de produção das ausências” característicos da racionalidade ocidental e compartilhado pelas Ciências Sociais² (ibidem, p. 29). De acordo com o teórico português, cinco são os modos de produção das ausências: i. “a *monocultura do saber e do rigor*: a ideia de que o único saber rigoroso é o saber científico; portanto, outros conhecimentos não têm a validade nem o rigor do conhecimento científico” (ibidem, p. 29, grifos do autor); ii. a *monocultura do tempo linear*:

a ideia de que a história tem um sentido, uma direção, e de que os países desenvolvidos estão na dianteira. E como estão na dianteira, tudo o que existe nos países desenvolvidos é, por definição, mais progressista que o que existe nos países subdesenvolvidos: suas instituições, suas formas de sociabilidade, suas maneiras de estar no mundo. Esse conceito de monocultura do tempo linear inclui o conceito de progresso, modernização, desenvolvimento e, agora, globalização (ibidem, p. 30, grifos do autor);

2 De acordo com Boaventura Santos, as limitações do conhecimento científico ocidental, do ponto de vista das Ciências Sociais, estão endereçadas ao positivismo e ao marxismo, formas ainda hegemônicas da racionalidade moderna que afastam, rejeitam, desprezam e invisibilizam a possibilidade de aprendizagem e incorporação de outros saberes, práticas e experiências.

iii. a *monocultura da naturalização das diferenças* que ocultam hierarquias; iv. a *monocultura da escala dominante*, isto é, o universalismo e a globalização. O universalismo consiste no fato de que “toda ideia ou entidade é válida independentemente do contexto no qual ocorre (...). O global e o universal são hegemônicos; o particular e o local não contam, é invisível, descartável, desprezível”; v. a *monocultura do produtivismo capitalista* que consiste na ideia de que o “crescimento econômico e a produtividade mensurada em um ciclo de produção determinam a produtividade do trabalho humano ou da natureza” (ibidem, p. 31, grifos do autor).

Sem distinguir o que entende por conhecimento científico e senso comum, saber e conhecimento, o intelectual de Coimbra defende que o conhecimento científico ocidental é, portanto, preguiçoso, pois, homogeneizador, reducionista, dicotômico, arrogante (despreza a validade de outros conhecimentos), linear (a história tem sentido único e progressivo), hierarquizante (naturaliza as diferenças), predominantemente global e universalizante (despreza e invisibiliza o particular e o local) e, ainda, produtivista.

Com tantos defeitos e limitações, não é difícil entender o motivo pelo qual Boaventura Santos prevê a necessidade de estabelecer outros parâmetros racionais para que o conhecimento científico possa efetivamente transformar a realidade. Para ele, a racionalidade moderna ocidental “se baseia na ideia da transformação do real, mas não na compreensão do real” (ibidem, p. 28). Em outras palavras, o problema da racionalidade ocidental consiste, atualmente, em transformar a realidade da natureza e da sociedade, mas sem compreendê-la: “a transformação sem compreensão está nos levando a situações de desastre” (ibidem, p. 28). Ou seja, para transformar, é preciso, antes, conhecer e compreender. Eis porque é tão importante levar em conta a sabedoria popular urbana e camponesa se se quer renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social, como veremos no tópico seguinte.

Se o conhecimento científico tem todas aquelas limitações, ele terá uma compreensão igualmente limitada da realidade que se quer transformar. Por isso é que ele deve ser enriquecido, revigorado ou, nas palavras de nosso autor, “renovado” e “reinventado”. Mas como?

Por meio de cinco ecologias que confrontam as cinco monoculturas supracitadas: i. a ecologia dos saberes, para

um uso contra-hegemônico da ciência hegemônica. Ou seja, a possibilidade de que a ciência entre não como monocultura mas parte de uma ecologia mais ampla de saberes, que o saber científico possa dialogar com o saber laico, com o saber popular, com o saber dos indígenas, com o saber das populações urbanas marginais, com o saber camponês (...) nesta ecologia, o importante não é ver como o conhecimento representa o real, mas conhecer o que determinado conhecimento produz na realidade; a intervenção no real (...) uma concepção pragmática do saber (ibidem, pp. 32-33).

ii. a ecologia das temporalidades, “que, embora haja um tempo linear, também existem outros tempos” (Idem, *ibidem*, p. 33); iii. a ecologia do reconhecimento, para “descolonizar nossas mentes para poder produzir algo que distinga, em uma diferença, o que é produto da hierarquia e o que não é” (Idem, *ibidem*, p. 35); iv. a ecologia da transescala, “que constitui a possibilidade de articular em nossos projetos as escalas locais, nacionais e globais” (Idem, *ibidem*, p. 36) e v. a ecologia das produtividades que “consiste na recuperação e valorização dos sistemas alternativos de produção, das organizações econômicas populares (...), da economia solidária etc., que a ortodoxia produtivista capitalista ocultou ou desacreditou” (*ibidem*, p. 36).

Do ponto de vista teórico-metodológico, a tarefa de desconstrução daquele “modo de produção das ausências” fica a cargo do duplo procedimento inventado por Boaventura Santos, a saber: a “sociologia das ausências” e a “sociologia das emergências” que, juntas, perfazem o que ele denomina de “sociologia insurgente”.

3 I A REINVENÇÃO DA TEORIA DA EMANCIPAÇÃO SOCIAL

A teoria marxista da emancipação social como parte do conhecimento científico ocidental também é portadora de uma racionalidade indolente (proléptica e metonímica). De modo geral apresenta, portanto, as mesmas características: monoculturalismo, homogeneização, universalização, reducionismo e invisibilização. Isso porque compartilhou “o ideal da unidade do saber, universalidade do saber científico e de sua primazia” (SOUSA SANTOS, 2007, p. 52), sem ter em vista a realidade intercultural, os saberes, experiências e práticas populares dos povos e grupos sociais do Sul global.

Para reinventar a teoria crítica, portanto, “o que se precisa é de outro tipo de racionalidade, mais ampla de acordo com as necessidades atuais” (*ibidem*, p. 52). O marxismo como uma teoria crítica não considerou e nem integrou saberes, práticas e experiências populares no seu corpo teórico. Por exemplo, no campo econômico, os sistemas alternativos de produção, como a economia solidária, as formas cooperativas operárias de organização da produção e na gestão empresarial (autogestão) são ignorados (*ibidem*, p. 36).

A teoria marxista da emancipação social, para Boaventura Santos, está ancorada nas seguintes definições e características fundamentais: i. o princípio da igualdade; ii. a incapacidade em pensar outras formas de exploração, de discriminação e de exclusão para além da relação de opressão e de dominação estabelecida pelo capital-trabalho; iii. o sentido linear da história em que o capitalismo foi transformado em fator de progresso, particularmente, ao desconsiderar a questão colonial: “em Marx vemos uma justificação – sobretudo na Índia – do colonialismo como fator do capitalismo: colonialismo é capitalismo” (*ibidem*, p. 51)³; iv. o proletariado como exclusivo sujeito histórico revolucionário; v. a luta

3 Assim define o colonialismo: “O colonialismo é a incapacidade de reconhecer o outro como igual, a objetivação do

de classes como única forma de conflito social; vi. o partido de vanguarda como portador da consciência de classe do proletariado; vii. a revolução proletária como via para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária; viii. o socialismo ou a barbárie como alternativas à sociedade capitalista. Desse modo, o socialismo centralizado, de utopia crítica da modernidade converteu-se em “utopia conservadora”, assim como o neoliberalismo (ibidem, p. 54).

Mas nem por isso o sociólogo de Coimbra nega a importância e a validade da teoria marxista da emancipação social no período em que ela foi elaborada, isto é, a modernidade. Indubitavelmente, ela se constituiu como uma teoria crítica e permaneceu atual até a derrota definitiva da experiência socialista. A partir do momento em que a modernidade entra em crise e que uma nova fase transicional – a pós-modernidade – se abre à história com todas as transformações econômicas, sociais, políticas e culturais dela decorrentes, a teoria marxista deixa de ser crítica e passa a se tornar uma “utopia conservadora”.

Em outras palavras, a teoria marxista da emancipação social está desatualizada e o período histórico ao qual ela corresponde está em crise ou não existe mais. Ela já cumpriu seu papel e forneceu as respostas possíveis aos problemas de sua época. Eis porque Boaventura Santos propõe “reinventar as possibilidades emancipatórias que havia no conhecimento emancipador: uma utopia crítica (...) em um mundo dominado por utopias conservadoras” (ibidem, p. 54).

Em oposição àquelas oito características fundamentais da teoria marxista, o sociólogo português apresenta oito ideias norteadoras que objetivam o estabelecimento de uma “nova cultura política”, capaz de atualizar a teoria marxista da emancipação social adequada aos novos tempos e às novas necessidades epistemológicas, teóricas e políticas do mundo pós-moderno. Mesmo sem se constituir como um “pensamento de vanguarda”, a capacidade de renovação e a possibilidade de reinvenção dessa teoria passa, necessariamente, pela consideração e resgate – até então invisibilizados, desprezados, ignorados e rejeitados – de outros saberes, conhecimentos, experiências e práticas populares, urbanas e camponesas, das sociedades e comunidades do Sul global.

São elas: i. o princípio do reconhecimento da diferença; ii. considerar, para além da exploração capital-trabalho, o colonialismo, o racismo e o patriarcado (sexismo); iii. promover a compreensão de que a história não possui sentido linear ou progressivo, mas sentidos multidirecionais; iv. a alternativa dos movimentos sociais como novos sujeitos históricos; v. a promoção e desenvolvimento de subjetividades rebeldes pois a “cultura ocidental e a modernidade têm uma ampla experiência histórica de contato com outras culturas, mas foi um contato colonial, contato de desprezo, e por isso silenciaram muitas dessas culturas” (ibidem, p. 55); vi. estabelecer “partidos de retaguardas”, isto é, não burocráticos, que acompanhem e aprendam com os ativismos sociais e que aceite outras outo; após as independências políticas ainda resta “o colonialismo social ou cultural”, isto é, “todas as trocas, todos os intercâmbios, as relações em que uma parte mais fraca é expropriada de sua humanidade (SOUSA SANTOS, 2007, respectivamente, p. 53 e p. 59).

formas de organizações de interesses (idem, 2016, p. 79); vii. a revolução democrática como via para a construção de um mundo mais fraterno e justo; viii. nem o socialismo e nem a barbárie, mas “um outro mundo possível”.

NORTE GLOBAL		SUL GLOBAL	
	CARACTERÍSTICAS		CARACTERÍSTICAS
MODERNIDADE		PÓS-MODERNIDADE	
Crise civilizatória	crises epistemológica, teórica e política	Interregno/ transição	renovações epistemológica, teórica e política
EPISTEMOLOGIA OCIDENTAL		EPISTEMOLOGIAS DO SUL	
Crise do conhecimento científico	reguladora	Ecologia de saberes	emancipadora
	monocultural		pluricultural
	homogênea		heterogênea
	universalizadora		pluriversalizadora
	reducionista		holista
	invisibilizadora		visibilizadora
TEORIA DA EMANCIPAÇÃO SOCIAL		NOVA TEORIA DA EMANCIPAÇÃO SOCIAL	
Crise do marxismo	princípio da igualdade	Nova cultura política	princípio da diferença
	opressão/dominação → capital-trabalho		opressões/dominações: capitalismo, colonialismo e patriarcado
	sentido linear da história → progresso		sentidos multidirecionais da história
	sujeito histórico → proletariado		sujeitos históricos → movimentos sociais

	luta de classes		subjetividades rebeldes
	partido de vanguarda		partidos de retaguarda
	revolução do proletariado		revolução democrática
	socialismo ou barbárie		outro mundo possível → pós-capitalista
POLÍTICA OCIDENTAL		REINVENÇÃO DA POLÍTICA	
Crises do contrato social liberal e do Estado democrático liberal	crise do contrato social → fascismo social	Política democrática radical	reinvenção do contrato social
	crises do Estado de bem estar social e do Estado desenvolvimentista → neoliberalismo		reinvenção do Estado □ Estado como movimento social
	crise das forças de esquerda tradicionais → desunidade		unidade das novas forças políticas de esquerda
	crise da democracia representativa → democracia de baixa intensidade		democracia de alta intensidade → representativa e participativa.

Quadro sinóptico dos principais conceitos sociológicos e das categorias políticas utilizados por Boaventura de Sousa Santos⁴

Esse “outro mundo possível”⁵ é factível, como mostram as experiências sociais, políticas, econômicas e culturais bem sucedidas apresentadas por comunidades, grupos e movimentos sociais de todo o planeta nos encontros do Fórum Social Mundial (FSM). Não por acaso, para Boaventura Santos, esse fórum protagoniza, portanto, os avanços teóricos a partir dos quais pode-se fundar uma “nova cultura política” insurgente, rebelde, inconformista e transformista.

O primeiro avanço teórico se refere à concepção mais ampla de poder e de opressão, algo que a tradição marxista foi incapaz de empreender tendo em vista a sua análise concentrada em “uma só forma de opressão ou dominação: a do capital-trabalho”

⁴ Elaboração própria.

⁵ Lema do Fórum Social Mundial, cujo primeiro encontro ocorreu em Porto Alegre, em 2001, justamente, como contraoposição ao Fórum Econômico Mundial, que reúne os países mais desenvolvidos do planeta, em Davos, na Suíça.

(SOUSA SANTOS, 2007, p. 61). Ou seja, ela não esteve atenta às

diferentes formas de opressão e de poder e que talvez não seja possível determinar, em geral, para todo o mundo, o que é sempre mais importante em uma luta. (...) uma forma de opressão não pode ser determinada de maneira geral, mas apenas contextual, nas condições concretas. (...) entre os cientistas cada um tem sua opção. A minha é que não se deve ficar tão centrado na estrutura ou na ação e sim na rebeldia ou no conformismo (ibidem, p. 61).

Ao ampliar a investigação sobre o problema do poder, o intelectual de Coimbra identificou outras formas de dominação e de opressão a partir dos “seis espaços estruturais nos quais se geram seis formas distintas de poder”. Trata-se de “espaços-tempo” ou ainda “formas de sociabilidade que implicam lugares, mas também temporalidades, duração, ritmos.” São eles: i. o “espaço-tempo doméstico, onde a forma de poder é o patriarcado, as relações sociais de sexo”; ii. o “espaço-tempo da produção, onde o modo de poder é a exploração”; iii. o “espaço tempo da comunidade, onde a forma de poder é a diferenciação desigual entre quem pertence à comunidade e quem não pertence”; iv. o “espaço-estrutural do mercado, onde a forma de poder é o fetichismo das mercadorias”; v. o espaço-tempo da cidadania ou o espaço público, cuja “forma de poder é a dominação (solidariedade vertical entre os cidadãos e o Estado)” e, finalmente, vi. o “espaço-tempo mundial em cada sociedade, onde a forma de poder é o intercambio desigual” (ibidem, 2007, pp. 61-62).

O segundo avanço teórico é que o FSM pode evidenciar a necessidade de “construir a emancipação a partir de uma nova relação entre o *respeito da igualdade* e o *princípio do reconhecimento da diferença*.” Uma vez que na teoria marxista da emancipação social, “toda a energia emancipatória teórica foi orientada pelo princípio da igualdade, não pelo princípio do reconhecimento das diferenças” (ibidem, p. 62, grifos do autor). O terceiro avanço teórico evidenciado pelo FSM é “toda a relação entre *inconformismo*, *rebeldia*, *revolução* e *transformação social*” (ibidem, p. 65).

Boaventura Santos não estabelece qualquer distinção entre essas definições assim como não se reporta ao intenso debate teórico e político marxista acerca do problema da revolução – questão chave – para a problemática da emancipação social. Nosso autor prefere abandonar as estratégias reformistas e revolucionárias, ambas ocidentais e eurocêntricas, por outras formas sociais de insurgência:

o que o FSM traz com bastante força é que, provavelmente, não devemos nos martirizar tanto – porque isso não é produtivo – em discussões gerais sobre as vantagens relativas de uma estratégia reformista ou revolucionária. As duas estão em crise em sua forma moderna, é preciso repensá-las, e provavelmente necessitamos de outros padrões. Os movimentos que se reúnem no FSM se dizem revolucionários, se dizem reformistas ou nem uma coisa nem outra, porque os dois são eurocêntricos, produto do Ocidente. É preciso criar outra forma de insurgência (ibidem, pp. 65-66).

Por fim, o quarto avanço teórico enseja a renovação do internacionalismo, uma vez que o FSM demonstra que “estamos vivendo uma nova forma de internacionalismo e as teorias sociais não estão preparadas para isso: não são internacionais e menos ainda internacionalistas” (ibidem, p. 66). Esse “novo universalismo”, como também Santos o denomina, consiste em “produzir teoria e práticas transescalares, em que as escalas locais se articulem com as escalas nacionais e com as globais” (ibidem, p. 67).

Em suma, para Boaventura Santos, a crise da modernidade ocidental, em seu aspecto teórico, se refere ao problema da teoria marxista da emancipação social. Esta é bastante limitada, reducionista, monocultural e eurocêntrica, pois: fundamenta-se apenas no princípio da igualdade; atribui ao capital todas as formas de opressão/dominação; concede à história um sentido linear e progressivo; considera o proletariado como exclusivo sujeito histórico revolucionário e a luta de classes como única possibilidade de luta política; considera o partido de vanguarda como o portador da consciência de classe; estabelece a revolução do proletariado como única ruptura possível e o socialismo ou a barbárie como alternativas dicotômicas e unilaterais de organização societal.

4 | A POLÍTICA DEMOCRÁTICA RADICAL FACE À CRISE DO CONTRATO SOCIAL LIBERAL

Para Boaventura Santos, a emergência do fascismo social está diretamente ligada à crise do contrato social liberal e ao correspondente enfraquecimento das suas principais instituições políticas liberais, quais sejam, o Estado e a democracia representativa. A desarticulação das forças políticas de esquerda, nesse cenário, é incapaz de engendrar uma resistência organizada e consistente que obstrua, impeça ou faça regredir as tendências ou forças fascizantes e neoliberais que afrontam, corroem e avançam, de maneira inexorável, sobre a sociedade, o Estado e a democracia liberais.

A política neoliberal, por seu turno, com seus instrumentos e organizações internacionais, responde pelo desmonte do Estado de bem-estar social e do Estado desenvolvimentista, respectivamente, no centro e na periferia do sistema mundial capitalista (SOUSA SANTOS, 2018a, pp. 356-357):

a globalização neoliberal, a desregulação, a privatização, os tratados de livre comércio, o papel inflacionado do Banco Mundial e do FMI foram executados paulatinamente para erodir o princípio do Estado, retirando-o da regulação social para o da regulação mercantil. Para isso foi necessário a desvirtuação radical da democracia” (SOUSA SANTOS, 2018b, p. 28).

Após identificar esses problemas, o sociólogo propõe a reinvenção da política em novas bases contratuais e institucionais a fim de implementar uma política democrática radical, isto é, de alta intensidade, em que os cidadãos deliberem e participem ativamente nas tomadas de decisões da pólis. Essa seria a maneira popular e segura de afastar os riscos do neoliberalismo e do fascismo social e, portanto, superar a crise política instalada

no seio da modernidade ocidental.

No atual período transicional da pós-modernidade, isso exige, portanto: i. as reinvenções do contrato social e do Estado como movimento social; ii. uma nova concepção de esquerda e das forças e estratégias políticas para a sua articulação e unidade permanentes; iii. a implementação efetiva da democracia representativa, deliberativa e participativa, isto é, a democracia de alta intensidade. Vejamos.

No excerto abaixo, Boaventura Santos define o contrato social e aponta o respectivo papel do Estado na sociedade civil:

a grande narrativa em que se funda a obrigação política moderna ocidental (...) para maximizar e não minimizar essa liberdade. O contrato social é assim a expressão de uma tensão dialética entre regulação social e emancipação social que se reproduz pela polarização constante entre vontade individual e vontade geral, coletiva, entre o interesse particular e o bem comum (SOUSA SANTOS, 2018a, p. 351).

Nessa esteira, cabe ao Estado garantir o “desenrolar pacífico e democrático dessa polarização num campo social que se designou por sociedade civil” (ibidem, p. 351). Ora, de acordo com as ideias contidas no fragmento, o problema todo reside no fato de que o Estado, enquanto mediador do conflito entre a regulação social e a emancipação social, do qual o contrato social é a sua expressão, está em crise, assim como o próprio contrato que funda a modernidade, do ponto de vista político.

O maior risco que se corre face à corrosão do contrato social liberal, para Boaventura Santos, é a emergência do fascismo social. Daí a sua busca por “alternativas de sociabilidade que neutralizem ou previnam esses riscos e abram caminho a novas possibilidades democráticas” (ibidem, p. 375). Mas, como ele define o fascismo social?

Ao contrário do fascismo histórico, “um regime político ditatorial nacionalista, racista, sexista e xenófobo” (SOUSA SANTOS, 2016, p. 202), a especificidade do fascismo social consiste em conviver com a democracia política liberal de baixa intensidade, qual seja, meramente representativa, limitada ao voto e às eleições. Trata-se “de um regime social e civilizacional” que, ao invés de “sacrificar a democracia às exigências do capitalismo, promove a democracia até ao ponto de não ser necessário, nem sequer conveniente, sacrificar a democracia para promover o capitalismo” (SOUSA SANTOS, 2018a, p. 370).

Boaventura Santos distingue quatro formas do fascismo social: i. o fascismo do apartheid social que segrega os “excluídos através de uma cartografia urbana dividida em zonas selvagens e civilizadas (...), cidades privadas, condomínios fechados” (ibidem, pp. 370-371); ii. o fascismo paraestatal, que “assume funções de regulação social anteriormente exercidas pelo Estado. Trata-se da usurpação de prerrogativas estatais (de coerção e de regulação social) por parte de atores sociais muito poderosos” (ibidem, p. 371). Este subdivide-se em fascismo contratual, no qual “a diferença de poder entre as partes no contrato de direito civil (seja ele um contrato de trabalho ou um contrato de

fornecimento de bens ou serviços) é de tal ordem que a parte mais fraca, vulnerabilizada por não ter alternativa ao contrato, aceita as condições que lhes são impostas” (ibidem, pp. 371-372), por exemplo, a “privatização dos serviços públicos, da saúde, da segurança social, da eletricidade, da água, etc.” (ibidem, p. 372) e em fascismo territorial, “quando os atores sociais com forte capital patrimonial retiram ao Estado o controle do território onde atuam ou neutralizam esse controle. (...) são territórios coloniais privados dentro de Estados quase sempre pós-coloniais” (ibidem, p. 372); iii. o fascismo da insegurança, no qual se verifica a “manipulação discricionária da insegurança das pessoas e grupos sociais vulnerabilizados pela precariedade do trabalho” (ibidem, p. 372); iv. o fascismo financeiro:

talvez a forma mais virulenta de sociabilidade fascista. É o fascismo que comanda os mercados financeiros de valores e moedas, a especulação financeira global (...). Esta forma é a mais pluralista na medida em que os movimentos financeiros são o produto de decisões de investidores individuais ou institucionais espalhados por todo o mundo (...). Uma segunda forma de fascismo financeiro ampliado, também ele muito pluralista e global é o que decorre da avaliação dos Estados nacionais por parte das empresas de *rating* (...) para avaliar a situação financeira dos Estados (ibidem, pp. 373-374, grifos do autor).

Na prática, as definições de fascismo social e de neoliberalismo parecem se confundir, tendo em vista que o neoliberalismo consiste numa “cultura de medo, de sofrimento e de morte para as grandes maiorias” (SOUSA SANTOS, 2016, p. 180) em que:

todas as violações de direitos humanos estão relacionadas com o neoliberalismo, a versão mais antissocial do capitalismo nos últimos cinquenta anos. No Norte, o neoliberalismo impõe a austeridade às grandes maiorias e o resgate dos banqueiros, substituindo a proteção social dos cidadãos pela proteção social do capital financeiro. No Sul, o neoliberalismo impõe sua avidez pelos recursos naturais, minérios, petróleo, gás natural, água, a agroindústria. Os territórios passam a ser terra, e as populações que nelas habitam, obstáculos ao desenvolvimento os quais é preciso remover (ibidem, p. 186).

Contudo, o que interessa mesmo a Boaventura Santos, ciente de que a tarefa é árdua dada a profundidade da “desregulação social provocada pela crise do contrato social”, é “buscar alternativas de sociabilidade que neutralizem ou previnam esses riscos e abram o caminho a novas possibilidades democráticas” (SOUSA SANTOS, 2018a, p. 375). De que maneira?

Ele nos apresenta um arco amplo de saídas: i. “buscando sociabilidades alternativas e insurgentes”; ii. redescobrimto democrático do trabalho concomitantemente à reinvenção do movimento sindical; iii. “reinvenção solidária do Estado a partir da análise aprofundada da sua crise”; iv. reinvenção de espaços-tempo de deliberação democrática baseada nos princípios do “pensamento alternativo de alternativas”, isto é, uma epistemologia assentada no conhecimento-emancipação e na *ecologia de saberes*; v. da ação-com-clinamen que

distinga ação conformista e ação rebelde (ibidem, pp. 375-378); vi. “formação de frentes capazes de lutar contra a ameaça fascista e mobilizar energias democráticas adormecidas na sociedade”, que, “devem emergir de baixo, de uma politização mais articulada com a indignação que flui nas ruas” (SOUSA SANTOS, 2016, p. 190).

A democracia de baixa intensidade também é outro aspecto da crise do contrato social da modernidade ocidental. Sendo uma democracia liberal meramente representativa, cujos eleitores votam de tempos em tempos sem qualquer participação ativa e crítica, está limitada, portanto, “a criar uma ilha de relações democráticas num arquipélago de despotismo (econômicos, sociais, raciais, sexuais, religiosos) que controlam efetivamente a vida dos cidadãos e das comunidades” (ibidem, p. 80).

Boaventura Santos propõe, nessa esteira, “democratizar a democracia”, isto é, uma instaurar uma política democrática radical, isto é, de alta intensidade, viável pela democratização de todos os espaços que substituam “as relações de poder por relações de autoridade partilhada” (ibidem, p. 79). A verdadeira democracia, representativa e, ao mesmo tempo, participativa e deliberativa, portanto,

tem de existir, muito além do sistema político, no sistema econômico, mas relações familiares, raciais, sexuais, regionais, religiosas, de vizinhança, comunitária. *Socialismo é democracia sem fim*. Daqui decorre que a igualdade tem muitas dimensões e só pode ser plenamente realizada se, a par da igualdade, se lutar pelo reconhecimento das diferenças, ou seja, pela transformação das diferenças desiguais (que criam hierarquias sociais) em diferenças iguais (que celebram a diversidade social como forma de eliminar as hierarquias) (ibidem, p. 80, grifos nossos).

No excerto acima, observamos uma proposta bastante abrangente de democracia (social, econômica, cultural, religiosa e política). No entanto, apesar de definir “socialismo como democracia sem fim”, Boaventura Santos hesita e por vezes até rejeita a utilização da palavra “socialismo” para caracterizar sua proposta de reorganização da sociedade. Utiliza a palavra “pós-capitalista” ao invés de “socialismo” em dois textos redigidos e publicados em momentos diferentes (SOUSA SANTOS, 2016, p. 74 e 2018b, p. 8). O sociólogo português ainda emite um juízo negativo das revoluções socialistas ao afirmar que “foram sangrentas e falharam” e que os “governos conservadores que se seguiram tiveram de fazer concessões para que a questão social não descambasse em catástrofe” (SOUSA SANTOS, 2016, p. 177).

De acordo com o Boaventura Santos, a primeira divisão profunda das esquerdas ocorreu após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) tendo em vista as suas concepções e posições políticas divergentes quanto: i. à adoção dos modelos econômicos (de desenvolvimento e de crescimento) e os meios para realizá-los; ii. à alternativa do socialismo ou da reforma do capitalismo; iii. à consideração do proletariado enquanto exclusivo sujeito histórico revolucionário; iv. à condução da luta política e social dentro ou fora das instituições democráticas; v. ao Estado, enquanto instituição de dominação, se

ele pode ou não ser mobilizado para combater as relações de dominação (ibidem, p. 173).

Mas foi após a queda do Muro de Berlim, em 1989, que as esquerdas sofreram o primeiro impacto decisivo de duas agendas: “o fim definitivo do socialismo enquanto sistema social, econômico e político liderado pelo Estado e o fim de qualquer sistema social, econômico e político liderado pelo Estado” (SOUSA SANTOS, 2018b, p. 25).

Boaventura Santos também vê importantes diferenças entre as forças políticas europeias e latino-americanas de esquerda. Entre as primeiras, observa uma unidade sobre o crescimento como “a solução para todos os males da Europa” sendo este o ponto que as “distingue das direitas, apostadas na consolidação orçamental e na austeridade”. Já, nas segundas, constata uma profunda divisão “sobre o crescimento e o modelo de desenvolvimento que este pressupõe” (SOUSA SANTOS, 2016, p. 181).

Mas de quais esquerdas Boaventura Santos se refere e como ele as define? As forças de esquerda às quais se dirige são bastante amplas. Elas são compostas por partidos políticos, movimento sociais “que lutam contra o capitalismo, o colonialismo, o racismo, o sexismo e a homofobia e a todos os cidadãos que não se consideram organizados, mas partilham os objetivos e as aspirações daqueles que se organizam para lutar” e, ainda, por todos aqueles que desenvolvem ações ou práticas consideradas de esquerda mesmo sem se considerar de esquerda (ibidem, p. 183).

Por esquerda, ele entende:

o conjunto de teorias e práticas transformadoras que, ao longo dos últimos 150 anos, resistiram à expansão do capitalismo e aos tipos de relações econômicas, sociais, políticas e culturais que ele gera e que, assim, procederam na crença da possibilidade de um futuro pós-capitalista, de uma sociedade alternativa, mais justa, porque orientada para a satisfação das necessidades reais das populações, e mais livre, porque centrada na realização das condições do efetivo exercício da liberdade (SOUSA SANTOS, 2018b, p. 8.)

Na verdade, Boaventura Santos objetiva “analisar a conjuntura das forças de esquerda”, com a clara e objetiva proposta de “ampliar o conhecimento mútuo entre elas e sugerir possibilidades de articulação nacional e internacionalmente”, daí o lema “esquerdas do mundo, uni-vos” (SOUSA SANTOS, 2018b, p. 9). Nosso autor observa que, essencialmente, as esquerdas padecem do mesmo problema do conhecimento científico ocidental e da teoria marxista da emancipação social: a dificuldade em lidar (conhecer, aprender) e incorporar outros saberes, experiências e práticas de outras forças de esquerda para além das forças políticas tradicionais e ocidentais de esquerda.

É o que sugere o excerto:

as forças de esquerda têm dificuldade em conhecer as experiências de outras forças de esquerda e em aprender com elas; não estão interessadas em conhecer profundamente as realidades políticas de outros países nem dão atenção devida ao contexto internacional e às forças econômicas e

políticas que o dominam. O desaparecimento da análise das múltiplas faces do imperialismo é prova disso. Além disso, tendem a ser pouco sensíveis à diversidade cultural e política do mundo (ibidem, p. 9).

O último período do fragmento merece destaque. Boaventura Santos afirma, categoricamente, que as forças de esquerda perderam o interesse em estudar as múltiplas faces do imperialismo, o que não condiz, completamente, com a verdade histórica.⁶

Mas o período transicional da pós-modernidade por mais que se apresente concretamente como o momento propício para renovações e inovações não está imune aos riscos e perigos extremos, sejam econômicos, sociais, políticos ou culturais, que ameaçam tanto o Norte quanto o Sul globais, desde as últimas décadas do século XX até as primeiras do século XXI. Alguns deles são:

O agravamento sem precedentes da desigualdade social; a intensificação da dominação capitalista, colonialista (racismo, xenofobia, islamofobia) e heteropatriarcal (sexismo) traduzida no que chamo “fascismo social” em diferentes formas (...); reemergência do colonialismo interno na Europa com um país dominante, a Alemanha (...); o golpe judiciário-parlamentar contra a presidenta Dilma Rousseff (...); a renúncia às armas por parte da guerrilha colombiana e o início conturbado do processo de paz; (...) a emergência de partidos de tipo novo oriundos de movimento sociais ou mobilizações anti-políticas, como Podemos, na Espanha, 5 Stelle, na Itália, AAP, na Índia; (...) o ressurgimento da extrema-direita na Europa (...); a intensificação do terrorismo jihadista que se proclama islâmico; (...) a ocupação da Palestina pelo Estado colonial de Israel (SOUSA SANTOS, 2018b, pp. 29-31).

Para Boaventura Santos, o significado histórico do “novo interregno” para as forças políticas de esquerda consiste em ter revelado a necessidade de reconhecerem as limitações da democracia liberal face aos antidemocratas e aos antifascistas, as contradições vigentes entre o capitalismo e a democracia e a importância urgente de sua articulação a fim de estabelecer uma unidade permanente capaz de enfrentar e combater todo aquele estado de coisas, porém dentro do próprio campo democrático.

51 CONCLUSÃO

Por meio de uma “sociologia insurgente”, Boaventura Santos pretende “mostrar que o que não existe é produzido ativamente como não existente (...) como alternativa descartável, invisível à realidade hegemônica do mundo” (SOUSA SANTOS, 2007, pp. 28-29) e, assim, tornar visíveis, recuperar e aprender com os outros saberes populares urbanos e camponeses não pertencentes ao Norte global. Em outras palavras, trata-se de uma constelação de saberes que possa estabelecer uma outra epistemologia, isto é, uma

⁶ Ainda que em chave analítico-crítica, Domenico Losurdo (2018) apresenta um amplo arco dos intelectuais marxistas do Ocidente que estudaram e debateram, com intensidade, os problemas do imperialismo e do colonialismo europeus. Completamente injustiçado no livro do filósofo italiano, Jean-Paul Sartre foi um dos principais intelectuais franceses engajados nas lutas anti-imperialista e de libertação nacional que marcaram o segundo período pós-guerra, como defende ALMEIDA (2018).

nova forma de conhecer, compreender e transformar o mundo.

Isso tudo decorre do fato de que, para Boaventura Santos, o conhecimento desde o Sul Global é emancipador. Daí a imperiosa necessidade de relacionar os saberes não ocidentais na construção de uma nova episteme – uma “ecologia de saberes”, rica, diversa, complexa e holista – as epistemologias do Sul.

Somente uma “nova cultura política emancipatória” pode produzir subjetividades rebeldes, autônomas, sem subserviência à partidos e instituições. Ela reconhece o princípio da diferença, amplia o conceito de poder e analisa outras formas de dominação e de opressão, para além daquela exercida pelo capital sobre o trabalho. Os movimentos sociais assumem o protagonismo da história ao lutarem, coletivamente, pela efetivação de “um outro mundo possível.” O proletariado, portanto, deixa ser o exclusivo sujeito histórico-universal revolucionário.

A refundação do contrato social e a reinvenção do Estado como movimento social podem promover, de um lado, a política democrática radical, de alta intensidade, isto é, representativa, participativa e deliberativa e, de outro, a articulação efetiva das forças políticas de esquerda, enfim, a unidade capaz de rechaçar as ameaças da barbárie social, seja ela neoliberal ou fascista que, por vezes, insistem em prevalecer nas sociedades pós-modernas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rodrigo Davi. **Sartre e o Terceiro mundo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.

LOSURDO, Domenico. **O marxismo ocidental: como nasceu, como morreu, como pode renascer**. São Paulo: Boitempo, 2018.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. “A crise do contrato social da modernidade e a emergência do fascismo social.” In: MENESES, Maria Paula (Org.). **Construindo as Epistemologias do Sul: Antologia essencial. Volume II: Para um pensamento alternativo de alternativas**. Buenos Aires: CLACSO, 2018a, pp. 351-381.

_____. **Esquerdas do mundo, uni-vos!** São Paulo: Boitempo, 2018b.

_____. **A difícil democracia: reinventar as esquerdas**. São Paulo: Boitempo, 2016.

_____. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2007.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abandono Emocional 47
Achille Mbembe 6, 52, 53, 62, 64
Antropologia 33, 34, 89, 109, 182, 186, 187, 223, 230

B

Base Nacional Curricular Comum 185

C

Ciência sem Fronteiras 7, 110, 111, 114, 121, 122
Classes Sociais 7, 29, 122, 166
Comunidades Rurais 98, 99, 104
Consciência Ecológica 83, 86, 89, 95
Costureiros 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 175, 176, 178
Crimes contra a honra 207, 213, 214
Crise da modernidade ocidental 6, 1, 2, 10
Currículo básico 5, 7, 180, 181, 190

D

Deleuze 52, 64, 129, 138
Democracia racial 5, 6, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 30, 31, 33, 34, 37
Desigualdade Social 15, 113, 223
Direitos da infância 209, 219
Ditadura Civil-Militar 177, 223, 224

E

Ecologia de saberes 1, 2, 3, 7, 12, 16
Escola de Chicago 83, 90, 91, 95
Espiritualidade 125, 126, 127, 129, 132, 135, 137, 138, 139
Estado Democrático de Direito 207, 208, 214, 218
Ética do cuidado 5, 6, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 79, 80
Ética profissional 69, 141, 142, 143, 145, 147, 148, 150

F

Favela de Acari 220, 222

G

Gilberto Freyre 19, 21, 23, 34, 36, 197, 205

H

Human Exemptionalism Paradigm 91

I

Interseccionalidade 110, 112, 119, 121, 122

M

Mães de Acari 8, 220, 221, 222, 226, 228, 229, 230, 231

Memória Coletiva 98, 100, 106, 108, 109

Mercado de trabalho 7, 152, 154, 155, 156, 157, 160, 162, 163, 164, 224

Michel Foucault 6, 52, 53, 58

Mobilidade Espacial 98, 106, 107, 108

Modelo Patriarcal 212, 215

Movimento Negro 111, 112

N

New Environmental Paradigm 83, 91

Nova Era 125, 126, 128, 129, 130, 132, 135, 137, 138

P

Pós-modernidade 6, 1, 2, 6, 7, 11, 15

Projetos Intervencionista 98

Q

Quilombo 19, 23, 35, 36

R

Regime de Poder 6, 52, 53, 57, 63

Relativização 25, 136, 140, 141, 144

S

Sigilo Profissional 7, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151

Sul Global 1, 2, 3, 5, 6, 7, 16

T

Teoria Moral 69, 70, 71, 79, 81





Teoria Política 56, 193

V

Violência contra a mulher 207, 208, 219

SOCIOLOGIA:

Das Ausências às Emergências

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

 **Atena**
Editora

Ano 2021

SOCIOLOGIA:

Das Ausências às Emergências

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br